

FUTEBOL, CULTURA E ARTE: clubes esportivos, estilo de vida e a moda das tribos

SOCCKER, CULTURE AND ART: soccer clubs, style of life and the tribal fashions.

Kowalski M¹

1 - Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1987), Mestrado em Educação Motora pela Universidade Metodista de Piracicaba (1995) e Doutorado em Educação Física: Sociedade, Cultura e Esporte pela Universidade Gama Filho (2001). Autora do livro "Por que Flamengo". Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2001. Nos anos de 2004 a 2006 foi pesquisador colaborador voluntário na Universidade Estadual de Campinas e, atualmente é Adjunto da Universidade Federal de Viçosa - UFV - Minas Gerais. Atua na área de Fundamentos Sociológicos da Educação Física e Esporte, Fundamentos Filosóficos Aplicados à Educação Física e ao Esporte e História da Educação Física e Esporte. Vinculada ao Programa de Pós-Graduação da UFV/Mestrado em Educação Física na linha de pesquisa, Aspectos Sócio-Culturais do Movimento Humano, centralizada na construção dos discursos sociais de popularidade e estilo de vida - a atividade física e o esporte - cultura, sociedade, mídia e literatura.

Resumo

FUTEBOL - esta imagem forte, triunfal, aureolada de prestígio e amplamente difundida, oferece um apoio das fórmulas discursivas, desde a retórica até a imprensa popular, posta na contingência de se comunicar com os grupos sociais compostos das mais diversas origens, tradições e níveis de informações. O futebol também oferece uma alternativa de vitalidade e perspectivas de uma atitude física e mental. A multidão torcedora se constitui numa manifestação em si mesma, o que acrescenta uma dimensão extra-evento, multiplicando a intensidade das emoções que ele suscita. Os encontros futebolísticos tornaram-se a principal fonte desse duplo ensejo – físico e mental – fixando modelos, tanto para o cidadão comum, quanto para a sociedade, assim como para as autoridades, onde é produzido em diversas outras oportunidades e circunstâncias. Uma imagem de interpretação surrealista. Esta imagem caracterizada pelo desprezo das construções refletidas ou dos encadeamentos lógicos e pela ativação sistemática do inconsciente e do irracional, do sonho e dos estados mórbidos, valendo-se de uma interpretação psicanalítica do momento do êxtase, tem como ponto positivo a renovação dos valores comportamentais coletivos e sociais (em menor grau), artísticos, morais, políticos, literários e filosóficos, baseados no supra-realismo e não no super-realismo.

Palavras-chave: Futebol, Cultura, Arte, Brasil.

Correspondência:

Marizabel Kowalski

Universidade Federal de Viçosa - Campus Universitário, s/ nº

Viçosa / MG – CEP: 36570-000

E-mail: belkowalski@ufv.br

Abstract

SOCCKER - this strong, triumphal image, aureole of widely spread of prestige and offers a support of discursive formulas, since the rhetoric until the popular press, dispatches by post in the contingency of if communicating with the social groups composites of the most diverse origins, traditions and levels of information. The soccer also offers to an alternative of vitality and perspectives of a physical and mental attitude. The affectionate people if constitutes in a manifestation in same itself, what it adds a dimension extra-event, multiplying the intensity of the emotions that it excites. The football meeting had become its main source of this double one try - mental physicist and - fixing models, as much for the common citizen, how much for the society, as well as for the authorities, where it is produced in other chances and circumstances diverse. An image to interpretation surrealist This image characterized for the disdain of the reflected constructions or the logical chaining and for the systematic activation unconscious it and it irrational, it dream and them morbid states, using a Psychological interpretation it moment it ecstasy, has as positive point the renewal of collective conduct and social the values (in lesser degree), artistic, moral, politicians, literary and philosophical, based in the supply-realism and not in the super-realism.

Key Words: Soccer, Culture, Art, Brazil.

Futebol, cultura e arte

A incorporação de tradições, sistemas de valores e idéias não estão alheias em relação ao esporte. A circularidade cultural, as dimensões ou inter-relações também se fazem presentes como campo de vivência cultural do futebol. Esta peculiaridade, senão privilégio, pode se expressar no erudito e no popular. Esta composição social de um povo em relação ao esporte cruza primeiramente em Gilberto VELHO^[1], que compreende que este território é visionário citando que: “No terreno dos costumes e das mentalidades ou da cultura, de um modo mais sintético, assistimos à convivência e constantemente ao confronto de visões de mundo diferenciadas, quando não antagônicas. Todavia, no decorrer do processo de interação entre as mentalidades e/ou culturas particulares, ao lado de inegável destruição material e simbólica, produzem-se combinações e transculturações (...) geradoras de novos significados e temas culturais.”

Assim, quando passamos para uma análise de referencial empírico sobre o esporte, a inter-relação entre o popular e o erudito, não pode deixar de considerar o papel do torcedor. SEVCENKO, ao fala que a origem da palavra torcer expressa o contorcer-se, remoer-se, contrair-se. Argumenta que esta não é uma função passiva. O torcedor participa ativamente, incorpora lances, influencia nos resultados. Se o torcedor incorpora valores ele também os gera. Apresenta dimensões que os clubes e atletas devem atender para que continuem tendo a presença dos torcedores. O corpo de cada aficionado torna-se assim, foco de ação e o teatro no qual repercutem, em profundidade, as vicissitudes do combate simbólico absorvido como espetáculo. Preso de emoção intensa a um lance qualquer do jogo que se torna um eminente gol, como resultado, a torcida, a platéia, e o próprio torcedor alheia-se inteiramente de tudo naquele momento, são apenas

Artigo Especial

nervos tensos: cristações, contorções, torcimentos e, quando por fim, advém uma explosão de entusiasmo e delírio^[2].

O fenômeno esportivo em geral, e o futebol em particular, são manifestações plenamente urbanas e, supra-realista, pois segundo SEVCENKO “Ele é obíquo na fisicalidade concreta das atitudes e expressões que difunde na variedade abstrata dos estados emotivos que desperta e alimenta (...). Essas correntes conjugam focos de alinhamentos coletivos que se sustentam pela adesão voluntária e a comutação do entusiasmo em doses cotidianas”. É esse fluído magnético que o autor acredita seriamente que “(...) cria a realidade extra material, supra real, energética, mais homogênea e vibrante que o cotidiano desconexo, opaco e soez o é.”^[2]. Para SEVCENKO, ainda, “o inesperado concurso entre as mais modernas tecnologias e a forma mais arcaica de simbolização da força coletiva, deu ensejo a um prodigioso efeito de eliminação das distâncias no tempo e no espaço e da suspensão do cotidiano, instituindo uma visibilidade abstrata da ação”^[2].

A energia eletromagnética dissipada no espaço de um estádio e a energia agônica do cotidiano se funde no ritual esportivo – esconjura o ordinário, o monocromático e reencontra na ordem do dia a glória na consagração do herói moderno. Se para ELIAS, o esporte é a expressão civilizada e moderna da bravura, para SEVCENKO, a modernização do esporte não diminuiu o entusiasmo e as paixões. O que coadjuvamos entre ambos os autores, e o que houve, foi uma alteração, ou alterações importantes, embora com seu pouco de transcendental e carecendo de estudo e pesquisa nesta área é que ao invés da tônica da modernidade e comercialização do esporte e do lazer a

paixão da torcida sobrepôs a tudo e tornou-se a grande força, não somente material e custeadora do esporte, mas ainda, e principalmente, moral e ideológica – simbólica – com raízes profundas no entusiasmo e no amor ao clube. No sagrado, na comunhão coletiva para avultar-se como elemento de valia, na condição de que exclusivamente material, econômica, publicitária e rendosa, a admiração da torcida ganhou em densidade e volume, sobrepujando estas referências e extrapolando nas manifestações de adesão, no apego, fazendo da dedicação os componentes cívicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares, partes relevantes para as inter-relações da circularidade cultural do país em torno do futebol – “elos” que sustentam o entendimento de singularidades para a explicação da popularidade dos clubes^[3].

Estes “elos”, símbolos, valores na relação Futebol – Torcida, destacamos alguns que afloram na literatura dedicada ao Flamengo, cuja relação se faz entre – Futebol – Torcida – Flamengo.

“(…) O Clube de Regatas do Flamengo foi o núcleo de onde irradiou a avassaladora paixão pelos sports”^[4].

“(…) Há no Flamengo esta predestinação para ser, em certos momentos, uma válvula de escape às nossas tristezas.(...). Ele não nos enche a barriga mas, nos inunda a alma de um vigor de prodígio”^[5].

“(…) Quando o Flamengo vence, seus adversários sentem menos derrotados, e quando perde, se sentem mais vitoriosos.(...) Há jogadores de discreto rendimento que vestindo a camisa Flamengo se revigoram, se desdobram e se superam. Onde o dever profissional se desfaz dos aspectos mercenários e se torna ideal”^[6].

Artigo Especial

“(…) O consumo de bebidas na cidade quadruplicou no Domingo e a produção nas fábricas ficou reduzida quase a metade na Segunda Feira; inimizadas foram esquecidas e novas amizades feitas nas arquibancadas, irmanadas pelo sentimento comum de amor ao clube mais popular do Brasil. Do urubu levado a campo à lua que surgiu no finzinho do jogo sobre os refletores, todos homenagearam a vitória do Flamengo, que devolveu ao Rio de Janeiro o sorriso de seu povo”^[7].

“(…) Ser Flamengo, não é sentimento de amor clubístico, de paixão esportiva, de predileção pela camisa, pelas cores, pela história deste ou daquele clube”^[8].

“(…) Alma, Garra, Flama, Gana; Rubro-Negro é meu mal; (...) Sou cem mil na arquibancada; Mais cem mil na Social; (...) No gramado e no placar; Sou um zero triunfal”^[9].

Nestas alusões ao Flamengo – o clube é considerado o difusor dos “sports” por João do Rio, passa a ser “válvula de escape” para Lins do Rego, não justifica sua popularidade pela “tradição e sua história” perante David Nasser, é uma “construção mitológica” para Henrique Pongetti, é também “manifestação coletiva” para Anderson Campos e por fim Homero Homem é simplesmente um “anônimo” perante o seu clube. Das muitas interpretações e interrogações com respeito a uma aproximação explicativa para a popularidade do futebol e Clubes como o Flamengo, selecionamos mais um ponto de interesse destacado por Ronaldo Helal no artigo “Uma tribo chamada Flamengo”, que vale a pena repensar. O autor cita que: “Dentre todas as torcidas do Brasil, a do Flamengo é disparada a maior. O gigantismo da Nação Rubro-Negra, estimada em 35 milhões de brasileiros, é uma boa base para uma reflexão sobre os “**elos tribais**”^[10].

A questão em evidência reporta-se no seguinte argumento - qual é o referencial simbólico destes “**elos**” que permeiam o universo do futebol brasileiro, elegendo “UM”, entre muitos clubes no Brasil, como preferência nacional do torcedor. A alteridade do Flamengo fornece condições concretas na permanente presença na história do futebol, já que ela não pertence apenas a uma geração e não se restringe aos que vivem. Por isso, a condição de ter a popularidade como relação, os processos de mediações simbólicas não somente engendram, mas provocam uma fusão entre o sujeito e objeto, pois estes são as expressões entre o espaço dos símbolos e uma estrutura peculiar – ou seja – o cotidiano do torcedor e o clube - numa relação entre carisma e popularidade. Assim, passamos a afirmar que tanto “carisma” quanto “popularidade” associa-se a um simbolismo exuberante, cujo aspecto peremptório da mensagem carismática - “Flamengo até morrer”, ou ao contrário, deliberadamente sensível e concreto “Pra sempre Flamengo” - sustenta-se na utilização mais ou menos suspeita do imaginário. Entretanto estas metáforas carismáticas não são produtos de uma imaginação desenfreada.

Para Max Weber: “(...) estas metáforas são regidas por uma retórica mais ou menos convencional, através da qual a personagem carismática procura garantir-se para alimentar a fé dos seus fiéis. No processo de confirmação que consagra a personagem carismática, o imaginário social é um recurso não único, mas às vezes decisivo. Infalivelmente, o êxito em alguma medida milagrosa fortalece o prestígio do carismático. Contribui para persuadir os fiéis de que o projeto ao qual ele lhes pede que se consagrem inteiramente, não é uma quimera, de que, de certa maneira, o reino é desse mundo”^[11].

Artigo Especial

Este aspecto que Max Weber insiste, atualmente é quase sempre negligenciado, como por exemplo, “o que caracteriza o chefe carismático não é tanto o conteúdo de sua missão, mas a maneira como ele a executa – seu estilo” que para Lindholm^[12], parece confundir-se com popularidade, citando que: “(...) ouve-se dizer com frequência que um indivíduo “simpático” ou “charmoso”- no sentido banal do termo – tem carisma”. Na linguagem corrente a palavra “Carisma” é definida como contágio emocional e popularidade consoante com “alteridade”, ambas muitas vezes utilizadas como sinônimos de uma e outra. Ora, esses termos se distinguem um do outro por diferenças de significados que convém manter. Um indivíduo popular, simpático ou ainda “cujo rosto nos agrada”, não é necessariamente alguém cujas convicções pessoais partilhamos - altero. Não nos sentimos inclinados a permitir que um indivíduo popular fixe nossa linha de ação. Quase sempre, ele é popular porque não nos pede nada, o que não acontece absolutamente no caso do líder carismático, que ao contrário, é um indivíduo muito exigente, como sugere de modo claro Weber.

A esta condição, por assim dizer, negativa do líder carismático, pode-se acrescentar uma condição positiva para indivíduo popular – é popular o indivíduo que nos agrada porque está próximo e nos oferece uma imagem semelhante, favorável e suficiente para que possamos nos identificar com ela sem termos de nos alçar ao ideal de um modelo inacessível – por exemplo – o jogador de futebol – torcer por um clube (a que ele pertence ou não) associado a este clube por livre escolha, equivalendo aos valores atribuídos por si mesmo. Situação evidentemente, bem diversa da distância que o personagem carismático mantém em relação a seus fiéis e colaboradores^[13].

Assim, a popularidade não é redutível à simpatia e, o carisma não pode ser reduzido à pura sugestão, como freqüentemente é associado, à manifestações de entusiasmo afetivo, a cenas de transe ou convulsões epiléticas como Gustave Le Bon, em “Psicologia das Massas”, onde profetas, demagogos, guerreiros furiosos, parecem tomar posse de seus auditórios, substituir as vontades de seus fiéis e de seus seguidores por suas próprias vontades^[14]. Entretanto, supondo-se que o entusiasmo que se apodera dos fiéis durante a realização desses “grandes cultos” não seja de certa medida forçado, representado ou falso, não é razoável reduzir a conversão do fiel a uma espécie de feitiço produzido pelo contágio das imaginações. Isto seria retomar o velho preconceito Volteriano que confunde deliberadamente “profetismo e impostura” e a fé dos fiéis com ignorância e imbecilidade^[15].

A legitimidade do líder carismático, tal como ele se afirma subjetivamente para si mesmo e para os outros, não é sentida por ele apenas como uma crença, mas também como uma urgência – ele não pode, nem pensa em fazer de outro modo. Também a relação do líder carismático com seus fiéis, não é absolutamente, da mesma ordem da que de um líder democrático e seus eleitores ou das estrelas da televisão e do esporte e seus pares. Nos dois casos, os líderes buscam serem reconhecidos por aqueles que percebem como os mais visíveis, mais requisitados, mais apreciados que todos eles. O líder carismático, diferentemente do político popular ou da estrela, não vai buscar sua legitimidade na opinião favorável que os outros tem dele, mas na missão de que lê mesmo se investiu. Em certa medida ele é autocéfalo. Em íntima instância, não tem predecessor, nem sucessor. O poder carismático é, portanto, um poder pessoal.

Artigo Especial

Weber parece muitas vezes arbitrário quanto àqueles que escapam ou resistem à atração do poder carismático em relação a um líder cujo carisma não reconhece, e cita que: “(...) a tendência que temos é tomar uma atitude não indiferente, mas hostil ou desdenhosa”. O autor também observa que os líderes carismáticos buscam legitimar suas mensagens opondo-se à tradição, ou pelo menos a certa tradição, mas afirma em seguirem a “palavra de deus” como Lei. Esta submissão à “palavra de deus” leva-os a distinguir a tradição corrompida que denuncia e os envolve (o falso profetismo) e uma tradição viva, que se confunde com a citação em “nome de deus” com a qual se identificam^[11].

A extrema personalização do poder carismático torna-se frágil diante da institucionalização e legitimação religiosa vigente. O apelo à comunidade emocional enfrenta dificuldades para controlar suas relações adaptativas com o meio externo ao estabelecer relações estáveis entre seus membros. Pois, uma vez que ele é construído em torno do líder carismático, quando este desaparece, ela própria vê-se ameaçada. O desaparecimento do fundador significa para a comunidade um novo abalo carismático, seja por crise da crença ou pela banalização do carisma. Estas comunidades emocionais carismáticas diferem definitivamente da comunidade de espectadores assim como da multidão e do público. As comunidades emocionais carismáticas prosperam hoje, em associações marginais de dissidência ou isoladas, as quais reivindicam a moralidade mais exigente e se ocupam em progredir e perseguir certas reivindicações com movimentos apelativos de convicções apaixonadas. Em relação a estas comunidades, coloca-se em questão a sua autenticidade: Qual é o grau de sinceridade do apego ao movimento à instituição com que se dizem identificados? Quanto a isto, cresce a discussão sobre a

suspeita racionalidade na relação afetiva e o surgimento de diferentes e novas formas de movimentos sociais e/ou carismáticos.

Pressupostos metodológicos

Embora a abordagem aqui efetivada nos conceitos mais gerais dos tipos de comunidades e suas manifestações, nas formas quantitativas e qualitativas, do comportamento coletivo de alguns agregados humanos mais comuns – ou seja – multidão, público e massa, seguimos ainda o referencial de Max Weber. É na sua contribuição à metodologia que nos atemos para a distinção preconizada entre o método científico de abordar os dados sociológicos e o método do valor-julgamento: a validade dos valores afetivos de apego é um problema de fé e não de conhecimentos. Em consequência, as Ciências Sociais, devem libertar-se dos valores, onde cujo objetivo principal da análise sociológica é a formulação de regras sociológicas? Para isso, Weber desenvolveu um instrumento de análise dos acontecimentos ou situações concretas que exige conceitos precisos e claramente definidos – o tipo ideal^[11]. Quando a realidade concreta é estudada desta forma, torna-se possível estabelecer relações causais entre seus elementos. Sua obra “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” permite verificar esta relação.

Relevamos, inicialmente, que o ponto referencial, o qual Weber destaca é o entendimento da palavra “Espírito”. O autor precede o entendimento de um sistema de máximas de comportamento humano estudando as sociedades capitalistas ocidentais no confronto dos estudos realizados na China e Índia. Weber chega a uma conclusão - (...) de que o surgimento do capitalismo não é automaticamente assegurado só por condições econômicas específicas, onde deve haver pelo menos uma segunda condição.

Artigo Especial

(...) Essa condição deve pertencer ao mundo interior do homem, isto é, existe forçosamente um poder motivador específico, a aceitação psicológica de idéias e valores favoráveis a esta transformação. Segundo Weber, a Sociologia (...) é o estudo das interações significativas de indivíduos que formam uma teia de relações sociais, sendo o seu objetivo a compreensão da conduta social. Esta ênfase dada à compreensão subjetiva levou Weber a definir “Ação Social” como “Conduta Humana”, pública ou não, a que o agente atribui significado subjetivo ^[11].

Para Weber, a conduta social se apresenta em quatro formas ou categorias:

- 1 – A conduta tradicional, relativa à antigas tradições;
- 2 – a conduta emocional, reação habitual ou comportamento dos outros, expressando-se em termos de lealdade ou antagonismo;
- 3 – a conduta valorizadora, agindo de acordo com o que os outros indivíduos esperam de nós;
- 4 – a conduta racional-objetiva, que consiste em agir segundo um plano concebido em relação à conduta que se espera dos demais ^[11].

Assim, o autor chega à compreensão do motivo, reproduzindo o raciocínio do agente, ou, em caso de ação irracional, compreendendo o contexto emocional em que ocorreu sua ação, estabelecendo a conexão de sentido – a compreensão explicativa – ou caracterizando a ação social como: racional – visando os valores, racional – visando os fins, afetiva – especialmente emotiva quando determinada por afetos e estados sentimentais, por fim – tradicional – na manutenção da ordem vigente – *status quo*. A ação humana ou conduta social está intimamente relacionada à cultura. Esta por sua vez, possui inúmeros estereótipos positivos e/ou negativos, determinados por

concentrações humanas, por agregados de indivíduos, os quais podem ser determinados por seus comportamentos e, de acordo com as qualidades ou defeitos imaginários atribuídos à sua categoria. As características dos agregados podem aparecer em maior ou menor grau, dependendo do tipo da ação desencadeada. Da mesma forma, existem variações no que se refere ao aspecto quantitativo de indivíduos. Neste enfoque, tratamos dos agregados humanos cujas relações se manifestam entre as pessoas reunidas deliberadamente, mas com um determinado objetivo em três situações específicas – esportiva e multidão, pública e público, por fim, religiosa e massa. A utilização destas três categorias cooptadas pontifica-se na relação entre carisma e popularidade - na equivalência entre características de concentrações humanas e a conduta social, estabelecendo parâmetros entre o espaço simbólico e estrutura peculiar dos tipos de concentrações institucionalizadas modernas.

Considerações argumentativas

Estas concentrações humanas destacam-se por reunirem características físicas da população com os comportamentos e condutas sociais e psicológicas apresentando os seguintes aspectos:

1 – Multidão

A relação do indivíduo com este agregado tem na presença física a característica fundamental para a sua formação social, ou seja, a proximidade corporal entre os componentes – o indivíduo tem de estar necessariamente interno (inserido é pouco – internalizado, cooptado) na concentração humana. Outros pontos característicos os quais podemos sintetizar é a ausência de status, não sendo estruturado, não confere ao indivíduo posições hierárquicas em

Artigo Especial

relação aos outros, já que o padrão de comportamento varia de acordo com o tipo de concentração social que se encontram no determinado momento. Esta variação resulta no tipo de concentração e não na integração entre os elementos. Por exemplo: quem assiste a um concerto, uma partida de xadrez, uma ópera, permanece em silêncio. Todavia, quem presencia um jogo de futebol, uma luta livre, um torneio de basquete, manifesta-se ruidosamente sua apreciação ou desagrado, manifestando o comportamento coletivo e não social.

No comportamento social existe comunicação, contato e interação, no coletivo, esses processos podem aparecer em grau mínimo, mas não são obrigatórios. As ações são simultâneas e análogas, muitas vezes anônimas. Nas manifestações da multidão e pública há a tendência para o indivíduo tornar-se anônimo, não necessariamente por atitude voluntária, mas como consequência da natureza da grande concentração humana. Em decorrência de ser temporário e composto de elementos anônimos, a responsabilidade pessoal diminui, pois o indivíduo não age isoladamente, a manifestação é coletiva - todos. A multidão é desordenada, apesar de poder ter um líder, não possui divisão de trabalho nem sistema de posições - anônima e, acima de tudo, desinibida. Seus participantes perdem peculiaridades que os distinguem como personalidades diferentes. A interação manifesta-se em termos de emoções generalizadas e de sentimentos comuns a todos os integrantes do grupo.

O efeito precedente é reforçado pelo caráter cumulativo e circular de interexcitação da multidão – seus componentes se deixam perder momentaneamente no “espírito” da multidão. Desta maneira, nas multidões convencionais ou de espetáculo, o comportamento se expressa de um modo

preestabelecido e regularizado quando temos a delimitação da duração, como por exemplo – os expectadores de uma partida esportiva ou qualquer espetáculo do gênero artístico permanecem no recinto por agentes determinantes do fim do show. No entanto, é uma multidão expressiva. A excitação é descarregada sem regras preestabelecidas, através de movimentos físicos que tem a finalidade de afrouxar a tensão, mas também podem não se direcionar a um objetivo determinado, por exemplo: multidões dançantes no carnaval, as comemorações de rua por uma conquista esportiva e/ou política, etc.

2 – Público

O público diferencia da multidão e da massa em quatro dimensões segundo Mills^[16]:

- a) A diferença proporcional entre os que formam a opinião e os que recebem a opinião já formada. Podemos considerar dois extremos de uma linha graduada: no primeiro, teremos duas pessoas que conversam e discutem pessoalmente, no segundo, uma pessoa que fala, sendo sua opinião transmitida de maneira impessoal, por meio de uma rede de comunicação a um elevado número de ouvintes e/ou espectadores. Entre esses extremos encontraremos uma graduação que engloba pequenos ou médios grupos, onde todos os participantes fazem uso da palavra ou são dominados por um só indivíduo, por exemplo: círculos de discussão livre, mesa-redonda, debates em tribunais, sessões parlamentares, assembléia de partidos políticos, simpósios, congressos, etc.
- b) A possibilidade de responder ou revidar uma opinião sem que tal ato provoque represálias. Encarando duas situações diametralmente opostas, teríamos na primeira, regras informais e/ou formais que permitem a diferentes pessoas externarem suas opiniões através do “direito de

Artigo Especial

resposta”, e que garantem o direito das pessoas conhecerem todos os aspectos e pontos de vista referentes a determinado assunto. Na segunda, a situação apresentaria o monopólio dos meios de comunicação por um determinado grupo, que não permite uma reação, nem sequer “em particular” a outras pessoas.

c) A correlação entre a formação da opinião e a possibilidade de ela se concretizar no ato social e, a facilidade de participação efetiva nas decisões. A posição que a pessoa ocupa na estrutura do poder e as próprias características do sistema de autoridade podem limitar, permitir e até estimular essa correlação, a ação pode ainda ser contínua ou intermitente.

d) O grau de penetração da autoridade institucional no público, através das sanções do controle social e o grau de autonomia real do público em relação a essa autoridade, duas situações opostas se apresentariam, de um lado, um público autônomo – sem a pressão de agentes de autoridade formal, do outro, uma uniformidade obtida através de métodos coercitivos e de um clima de suspeita, formado pela infiltração de informantes.

De acordo com estas dimensões, podemos caracterizar público como o conjunto de indivíduos em que é praticamente igual o número de pessoas que se expressam e recebem opiniões. A organização da comunicação pública permite uma resposta imediata e efetiva à uma opinião publicamente expressa, onde a opinião formada através dessa discussão, encontra possibilidades de se transformar em ação efetiva, mesmo contra o sistema de autoridade vigente, se necessário. As instituições de autoridades não têm penetração: o público é, portanto, mais ou menos autônomo em suas ações.

3 – Massa

A massa pode ser considerada um conjunto de elementos em que o número de pessoas que expressam opiniões é incomparavelmente menor do que aquele que as recebe. A massa pode ser considerada uma coleção abstrata de indivíduos recebendo impressões e opiniões já formadas, veiculadas pelos meios de comunicação. A organização da comunicação pública impede ou dificulta a resposta imediata e efetiva às opiniões externadas publicamente, onde as controlam e fiscalizam os canais por meio dos quais a opinião se transforma em ação. Os agentes institucionais têm maior penetração. A massa portanto, não tem autonomia, sendo reduzida a formação independente através da discussão.

A concentração humana tem como consequência o crescimento dos grupos de referência em uma sociedade grande e heterogênea. Ao contrário de uma comunidade pequena e homogênea, como ainda o são as das regiões rurais ou religiosas isoladas. Há total predominância do grupo primário sobre o de referência. As oportunidades de comportamento novos e diferentes são poucas, levam as pessoas a pautar suas ações, assim como suas crenças, idéias e opiniões pelo dos demais membros de seu grupo. Por sua vez, no meio urbano, as diferentes formas de comunicação, exaltando elementos do mundo dos desportos, da arte, da política, da economia, da cultura em geral, propiciam a identificação entre indivíduos e grupos, levando as pessoas a escolherem como grupos de referência, muitas vezes totalmente divorciados de sua realidade cotidiana os quais ajudam a formar uma perspectiva de vida, conferem uma imagem de outra realidade, formam opiniões e determinam atitudes e comportamentos contribuindo a formação do tipo ideal da conduta social através dos elos grupais – tribais.

Artigo Especial

Estes elos ocorrem pela definição de escolha do indivíduo, possuindo vários grupos de referência num espaço simbólico e em uma estrutura peculiar, caracterizando-se por concentrações humanas de diferentes formas, tipos e ideais preestabelecidos ou não, pertencentes a sociedade moderna, midiaticizada por um certo grau organizativo, compatibilidade, orientação, funções sociais, penetração, unidade, amplitude e duração.

Uma sociedade não se constitui por acordo das vontades. Ao contrário, todo acordo de vontades pressupõe a existência de uma sociedade, de pessoas que convivem, e o acordo só pode consistir em definir uma outra forma dessa convivência, dessa sociedade preexistente: há costumes, usos, opinião pública, direito, poder público. Todos estes fenômenos sociais ocorrem na forma adequada ao estado de evolução em que se encontra a sociedade, que é claro, não é tão avançado como membros componentes, as nações. A sutil concepção do Estado e sociedade que a tradição nos propõe, “todos os esforços de seus filósofos autóctones para transcender essa limitação foram vãos. Em todas as suas tentativas para compreender, atua mais ou menos como paradigma o objeto corporal, que, para eles, é a “coisa” por excelência. Só conseguem ver uma sociedade, um Estado, onde a unidade tenha caráter de continuidade visual: por exemplo, uma cidade. (...). É onde a força, a dynamis, atua unitariamente que há real unidade, embora a nossos olhos apareçam como manifestação dela só coisas diversas”^[17].

Para o autor, é o grande segredo paradoxal! Porque o equilíbrio ou balança de poderes é uma realidade que consiste essencialmente na existência de uma pluralidade. Se essa pluralidade se perdesse,

aquela unidade dinâmica desapareceria. Esse caráter unitário da pluralidade é o que se chamaria de homogeneidade. Para esta discussão nos ateremos na seguinte relação: A disposição dos homens, seja como soberanos, seja como concidadãos, de impor aos outros sua opinião e seus gostos como regra de conduta, encontra-se tão firmemente apoiada em alguns dos melhores e em alguns dos piores sentimentos inerentes à natureza humana, que quase nunca se detém, a não ser quando lhes falta uma variedade de situações. Para que o humano se enriqueça, se consolide e se aperfeiçoe, é necessário que exista “variedade de situações”. Pois como conseguir, antecipando a insolência característica desta situação presente aqui, devemos perguntar impertinente o que se pensa da relação homem, a natureza e a história, o que é a sociedade e o indivíduo, a coletividade, o Estado, o uso, o direito. Será que podemos esperar uma vaga probabilidade situacional do problema criado pelas massas atuais.

GASSET pergunta: de onde vieram todas estas multidões que agora encham e transbordam do cenário histórico?

Primeiro a nação parece a tribo, e a tribo do lado a não – nação. Depois a nação compõe-se de duas tribos, mais tarde é uma comarca e pouco depois já é uma vila, cidade, metrópole, megalópole. Em cada nova geração, a homogeneidade é maior: possuem o mesmo plano ou arquitetura, vão adquirindo um conteúdo – psicossocial (político, econômico, cultural – religião, ciência, direitos e deveres, arte, valores sociais e eróticos), que vão se tornando comuns e coletivos – opiniões, normas, desejos e pretensões. Entretanto não se sabe qual será o centro de gravitação onde as coisas humanas serão ponderadas no futuro próximo, e por isso a vida do mundo se encontra numa transitoriedade

Artigo Especial

escandalosa. No entanto, há em todas as épocas um ponto comum para estas transições: são sempre épocas de crises morais, os tempos transitórios entre duas etapas. Nem a religião nem a moral dominam a vida social e tampouco o coração da multidão: é o contraste [17].

Aproveitando o útil questionamento de GASSET a respeito destas relações, quando este expressa da seguinte forma, em três encontros situacionais:

Primeiro: uma vez que soubermos bem como é esse tipo humano hoje dominante, e que chamo de homem – massa, levantar-se-ão interrogações férteis e mais dramáticas: pode-se modificar esse tipo de homem? Isto é: os graves defeitos que existem nele, tão graves que se não forem extirpados provocarão inexoravelmente a aniquilação do Ocidente, podem ser corrigidos? Porque, como se há de convir, trata-se precisamente de um homem hermético, que não está verdadeiramente aberto a nenhuma instância superior.

Segundo: a outra pergunta decisiva, da qual, na minha opinião, depende toda a possibilidade de sanidade, é a seguinte: podem as massas, ainda que queiram, despertar para a vida pessoal? (Não cabe aqui segundo Gasset, chegar a uma relação, fica somente a questão, pois, os termos em que deve ser exposto não fazem parte da consciência pública, nem sequer está esboçado o estudo da definição da margem da individualidade que cada época do passado deixou à existência humana. Porque é pura inércia mental do “progressismo” supor conforme a história avança aumenta a folga concedida ao homem para poder ser indivíduo pessoal, como acreditava Herbert Spencer. Não; a história está cheia de retrocessos desta ordem, e justamente a estrutura da vida em nossa época impede

superlativamente que o homem possa viver como pessoa).

Terceiro: ao contemplar nas grandes cidades essas imensas aglomerações de seres humanos, que vão e vêm por suas ruas ou se concentram em festivais e manifestações políticas, esportivas, de lazer em grande escala, incorpora-se em mim, obsessivo, este pensamento: um homem que tenha vinte anos hoje pode fazer um projeto de vida que tenha caráter individual e que, portanto, precisaria ser realizado por suas iniciativas independentes, por seus esforços particulares? Ao tentar destacar essa imagem em sua fantasia, não notará que é, senão impossível, quase improvável, porque não há espaço disponível para aloja-la e no qual possa se mover segundo sua própria vontade?

Para o autor, o indivíduo-sujeito, logo perceberá que seu projeto tropeça no do próximo, como a vida do próximo restringe a sua. Com a facilidade de adaptação própria da sua idade, o desânimo o levará a renunciar não só a todo ato, mas até mesmo a todo desejo pessoal e ele buscará a solução oposta: imaginará para si uma vida standard, composta de desiderata comuns a todos, e verá que para consegui-la será necessário solicitá-la e exigi-la coletivamente com os demais. Será como numa prisão superlotada, onde os movimentos físicos, até o respirar, são realizados coordenadamente – coletivamente. Para Gasset, daí seria a “ação da massa”.

A vida pública não é apenas política e sim, ao mesmo tempo e até antes, intelectual, moral, econômica, religiosa - compreende todos os hábitos coletivos, inclusive o modo de se vestir e o modo de se divertir – está massificante - foi massificado – mesmerizado. Ainda que o fato pareça lógico, natural, não se pode desconhecer que antes não acontecia mas

Artigo Especial

agora acontece, portanto houve uma mudança, uma inovação, que justifica, pelo menos num primeiro momento a aglomeração, o cheio, não era freqüente antes. Por que agora o é? Simples de se enunciar, mas não de se analisar as relações existentes. As cidades estão cheias de gente. As casas cheias de inquilinos. Os hotéis, cheios de hóspedes.

Os trens, cheios de passageiros. Os cafés, mercados e lojas, cheios de consumidores. Os passeios, cheios de transeuntes. Os consultórios, cheios de pacientes. Os espetáculos, dentro e fora de temporadas cheios de espectadores. As praias, cheias de banhistas. O que antes não costumava ser problema começa a sê-lo quase de forma contínua: encontrar lugar, ser e fazer parte do coletivo, estar no/em público.

Os indivíduos que integram essas multidões já existiam, porém não como multidão. Espalhados pelo mundo em pequenos grupos, ou solitários, levavam, pelo menos, uma vida divergente, dissociada, distante. Cada um – indivíduo ou pequeno grupo, ocupavam um lugar, talvez o seu, no campo, na aldeia, na pequena cidade, ou no bairro da cidade grande. De repente a multidão tornou-se visível, instalou-se nos lugares preferenciais da sociedade. Antes, se existia, passava despercebida, ocupava o fundo do cenário social, agora antecipou às baterias, tornou-se o personagem principal. Já não há protagonista: só há coro. O conceito de multidão é quantitativo e visual. Se traduzirmos para a terminologia sociológica, sem alterá-lo, encontraremos a idéia de massa social. A sociedade é sempre uma unidade dinâmica de dois fatores: minorias e massas. As minorias são indivíduos ou grupos de indivíduos especialmente qualificados. A massa é o conjunto de pessoas não especialmente qualificadas. Massa é o homem médio? Desse modo converte-se o que era apenas quantidade – a multidão. Em uma determinação

qualitativa, é a qualidade comum, é o homem enquanto não diferenciado dos outros homens, mas que representa um tipo genérico. Parece evidente, até óbvio demais, que a formação normal de uma multidão implica a coincidência de desejos, de idéias, de modo de ser dos indivíduos que a integram. Pode-se, até arriscar a dizer que massa é todo aquele que não atribui a si mesmo um valor – bom ou mau – por razões especiais, mas que se sente como todo mundo e, certamente, não se angustia com isso, sente-se bem por ser idêntico aos demais.

No entanto, não é toda concentração humana que constrói eles, o sentimento silencioso ou audacioso da participação coletiva. As pessoas dentro de um vagão do metrô, em um ônibus, apertadas, apesar da intensa concentração, não gera nada além de irritação e fadiga. É necessário haver um centro de reuniões, um catalizador que estimule as multidões e lhes dêem um caráter especial. As imagens de poder, a atração, os símbolos, servem para sobrepujar o cotidiano, criar o imaginário participando de um mundo mais vital e sensual.

Formas comuns de participação retiram sua energia dos movimentos sociais, incluem as figuras públicas, a idolatria aos heróis do esporte e de figuras ligadas ao mundo artístico que caracterizam a cultura ocidental moderna. Atletas, astros de cinema, cantores, artistas famosos, certos políticos e outros ícones como clubes esportivos, todos são considerados figuras carismáticas modernas^[12].

Essa atribuição pode ser considerada correta na medida em que todas estas figuras realmente proporcionam centros para reunião das massas e para uma expressão de unidade carismática compactuada entre os fãs. Nestas condições, o carisma se tornou, como afirma Bryan Wilson, “(...) um simples divertimento

Artigo Especial

proporcionando às massas uma redenção momentânea do cotidiano, a participação de um momento vital de uma vida com poucas regras e uma oportunidade efêmera de excitação, sensações primárias, relações pessoais e uma materialidade imaginada^[12].

Estas alternativas, geralmente fornecem apenas divertimento circunstancial para o público de um modo geral, que se identifica por delegação com vidas vividas num ritmo frenético de emoções sem correr nenhum risco. Este é o carisma considerado como “válvula de escape”, pois conduz as energias reprimidas do cotidiano para o ritual e a fantasia, enquanto ao mesmo tempo abastece o emocional. Portanto, sabemos que o carisma oferece a força e a imaginação para mudanças. Além disto, ele também pode ser, em oposição ao pensamento de Weber, um fator de manutenção da ordem e/ou romper o cotidiano. Nas condições de fragmentação e isolamento da modernidade, ameaças à identidade pessoal podem ser evitadas pelos participantes em coletividades reunidas ao redor de figuras carismáticas. Tal participação pode oferecer um período de descaso ou um momento de transição, dando força e sustentação para a construção de uma nova identidade.

Na essência, o carisma não possui nenhum conteúdo substantivo além de ser uma experiência momentânea de êxtase, proporcionado um momento profundo e transcendente, oposto a alienação e ao isolamento do mundo material, onde uma lembrança sobre a qual a vida comum pode ser construída. O paradigma estabelecido por Weber e Durkheim, sustentado pela teoria psicológica, alega, de fato, que a sociedade baseia-se na comunhão profundamente evocativa do eu com o outro, uma comunhão que não oferece a razão, mas sim a vitalidade experimentada. Sem esta dissolução eletrizante de fronteiras, a vida

perde o seu sentido e sabor, a ação perde força e o mundo torna-se sem cor e monótono. Weber fala em “desencantamento do mundo”. Entretanto, percebemos que o importante não é saber se tais momentos de desprendimento e comunhão continuarão existindo. Eles fazem parte da nossa condição humana. A questão é saber que forma estes momentos terão e quais serão os “elos” de apreensão entre os grupos? O que determina os estilos do torcer pelo futebol, seus valores e símbolos?

Movimentos de estilo dos torcedores de futebol

As invenções trazidas por estes movimentos, não têm uma “utilidade” imediata. Elas testemunham o deslizamento de terreno do imaginário social. Elas transcrevem profundas evoluções de mentalidades. Em suma, não existe um sistema simples ao qual possam se filiar, o que as torna irremediavelmente imprevisíveis. No entanto, o aspecto inominável dos “movimentos tribais” tem outra razão segundo Bollon: “(...) eles refletem um comportamento, um modo de expressão, uma estratégia abstrata desses movimentos. Com efeito, os movimentos tribais parecem recusar qualquer interpretação definitiva. Eles brincam com os significados. Nunca se definem do interior. Movimentos oposicionistas, atingidos por uma verdadeira neurose frente ao seu ambiente. Eles ficam no “nem...nem”(nem isso, nem aquilo). Um eterno sobre-lance é sua estratégia. Seu espírito parece ser feito apenas de contradições. A ironia é sua arma privilegiada é a “paixão”. Serem inclassificáveis é o lema. (...) Eles sugerem, eles evocam, eles fazem pensar, porém nada é preciso. Enigmas vivos para uns e para si mesmos, são coleções de sintomas de índices altamente contraditórios^[18].

Na exposição de Bollon a ironia continua sendo um dos modos preferidos de todos os movimentos de tribos. Imagens, puros objetos, os movimentos se caracterizam pela recusa de interpretações. Justamente porque eles são duplos, contraditórios, por vezes heterogêneos e sempre rondam as falhas do social. Sondam o ambiente pouco nítido e ficam sempre em cima do muro. Utiliza-se a linguagem de duplo, triplo, quádruplo sentido e exorbitam os paradoxos acima de tudo, cuja questão presente é - se esses movimentos tribais possuem um real “conteúdo”? As tribos abrigam em seu aspecto estranhamente composto um inventário surrealista de tabus, vindos de todos os horizontes, onde o real não é apenas uma categoria, uma declinação do imaginário no faz-de-conta entre o concreto e o símbolo, e a questão se afirma - qual é o desencanto social? Moral ou imoral? Sendo sua estratégia baseada no cinismo, seu horizonte é cínico? Algum projeto?

As modas e estilo de vida destas tribos não passaram em brancas nuvens, marcaram a sociedade e sua época. O mais fútil que se pode parecer na mostra do anedótico é mais sério do que o “autenticado”. A conduta, a aparência reflete, traduz, ou simplesmente, veicula idéias fortes, agudas, complexas, sutis, espantosas, elas provocam, em certos casos, uma revolta radical, inédita, definitiva, e que são as únicas a poder fazer os movimentos sociais. A relação – conduta e aparência – situa-se além de todas as categorias habituais, estéticas e morais do discurso aceito e representa no momento, uma espécie de “virtualidade de sentido”. O que chamamos de comportamento social, ou seja, o modo específico do funcionamento da conduta, repousando sobre a elaboração de imagens e de símbolos, sempre aparece como um modo de expressão infinitamente mais sensível e sutil, maleável,

permanentemente contraditório e para sempre inacabado. Por isso, é poético e profético que a linguagem habitual, dominada pela lógica e o princípio da não-contradição, não é de se espantar que os movimentos sociais (certos grupos e os seus estilos) possam atrair como um imã tudo o que uma época tem de equivocado e fazer dele um retrato mais completo – mas nem tanto fiel – do perfil social da própria sociedade – de interpretar o que as ações consideradas “sérias”, tem haver com o estilo e o pensamento “selvagem” de uma multidão assistente de futebol! Que relação comportamental “une” e “separa” os dois pólos do social entre as “torcidas organizadas”, “torcedor comum” e as “tribos”?

1. Torcidas Organizadas

As primeiras organizações populares do futebol aparecem no final da década de 60, mas seu fortalecimento se faz nos próximos (10) dez anos. Em 1970 as torcidas organizadas do futebol, serão diferenciadas em relação as tribos das organizações populares centradas nos bairros, os quais possuem uma dimensão mais local e territorial. Mesmo porque as torcidas organizadas são motivações que unem indivíduos – grupos – destituídos de quaisquer necessidades imediatas, como por exemplo – as reivindicações mais prementes entre moradores dos bairros populares: saneamento, educação e moradia. Zaluar, ao focar os modos de vida dos bairros populares cariocas, adverte para o fato de que a formação de agremiações de caráter recreativo ou esportivo, entre as quais os blocos carnavalescos e times de futebol dos bairros por ela estudados, não foram criados por incentivo do Estado ou da Igreja^[19].

As torcidas organizadas não adquirem as características tradicionais daquilo que se concebe como comunidade ou organização popular. Entretanto,

Artigo Especial

adquirem sentido político na medida em que regulamentam e socializam regras, valores e condutas, estabelecendo relações de poder, acionando certos instrumentos simbólicos a partir de uma vivência concreta. Para Gilberto Velho, estas organizações de torcedores são formadas através das paixões individuais que cada um traz consigo por um mesmo time mas que, em torno de projetos coletivos, adquirem uma dimensão social pautada por interesses comuns. A organização de tais emoções, gostos e preferências, a priori subjetivos, norteia-se por estes projetos capazes de viabilizar, simbólica e materialmente, um sentido às emoções e expectativas individuais^[1].

As torcidas organizadas inauguram um novo padrão de sociabilidade entre torcedores de futebol expresso nos comportamentos, na estética, na manipulação de um instrumental simbólico, enfim num determinado estilo de vida. Estas agremiações de torcedores passam a ter influência na escolha e na exclusão de jogadores, demissão de técnicos e dirigentes. Chegam muitas vezes à mídia como responsáveis por inúmeros atos de vandalismo e incidentes graves. Participam muitas delas, dos espetáculos carnavalescos oficiais da cidade, transformando-se em grandes blocos e escolas de samba. Constroem patrimônios e arregimentam milhares de sociais em torno de suas atuações sociais.

Os torcedores organizados são direcionados a uma ação coletiva na busca de emoções do jogo na frequência do estádio em apoio ao seu time e clube, uma exposição de cores, símbolos e marcas, rostos que poderão expressar a alegria da vitória e a tristeza trágica da derrota que, por conseguinte, não descarta o escárnio da reação violenta. Cantos, gritos de “guerra”, ecoam pelas ruas, ônibus e estações de passagem. Anônimos diante da multidão, alterados pelo ânimo do

jogo e do álcool, há a instauração de uma outra ordem social, ou até a banalização da vigente. A irrupção da solidariedade, preferências, vontades gerais de grupos que se identificam e se contrapõem, transformando o conjunto de indivíduos e grupos em multidão em direção ao estádio, porém diferenciados em nações – Torcidas Organizadas – formando uma microestrutura social diferenciados da sociedade fora do estádio, pelas definições de suas cores, símbolos, bandeiras e distintivos, mas com o comportamento impulsionado pelo sentimento de emoção, contagiando uns e outros, resultado da escolha subjetiva de torcer por aquele clube^[20].

No papel de torcedor o cidadão comum aciona diversos órgãos públicos que passam a agir em função deste novo ator social. A condição de torcedor é única, sem ambigüidades, visível, transparente e que encerra a lógica classificatória: dias de jogos implicam a divisão de opiniões e preferências em dois níveis para Kowalski^[28]:

Primeiro – entre aqueles que participam do jogo e aqueles que, por outro lado, apenas toleram e escolhem um time para torcer.

Segundo - a divisão entre aqueles que torce pelo bom espetáculo e o outro por simpatia e comodidade preferem ser o espectador à distancia e ver o jogo pela televisão. A condição do torcedor abre a possibilidade de determinadas vivências, tipos de sociabilidades e imagens que transcendem aquelas do cotidiano.

A concepção de futebol como entretenimento, lazer ou estilo de vida, implica em trocas, conflitos e contaminações dos variados padrões de sociabilidade observados a partir de sua fruição. Sobretudo porque estes agrupamentos caracterizam-se por certa fluidez e heterogeneidade, congregando indivíduos de variadas expectativas, faixas etárias, níveis econômicos e visões

Artigo Especial

de mundo, estes torcedores organizados, implicam na diferenciação importante entre o conjunto de torcedores organizados e do torcedor comum na conduta demarcada na maneira com que grande parte se dirige aos estádios em relação aqueles que se isolam.

2. Torcedor Comum

Assistir ao futebol é uma arte popular do viver, que por muitas razões, goza visivelmente de uma autonomia menor do que a grande arte diante da sociedade. O estilo do torcedor faz da sociedade uma espécie de esboço, croqui emocional, onde se mesclam, na maior confusão, seus mais secretos sonhos e seus receios mais confessos, as tradições mais retrógradas, bem como antecipações mais ousadas, tudo isso sem separar, nem menos articular, pelo contrário, fundindo numa única imagem abrangente. Sempre em sintoma de transição, de passagem. Sua matéria é fluída, fugaz, volátil, desaparecendo no momento de revelar. Sua interpretação altamente instável chega a ser plural, entretanto, são justamente suas insuficiências como linguagem, seu caráter vago e quase inarticulado, próximo do grito, sua confusão e sua posição marginal, descentralizada, até seu estatuto deliberadamente “fútil”, aparentemente sem importância – em resumo – sua vulnerabilidade de conjunto, de natureza – que zomba de toda coerência e não desiste de fundar um “projeto”, que o mesmo pode encarregar assim dos desejos mais obscuros, mais perturbadores, mas também dos mais inovadores da sociedade que a cerca. Sua futilidade exacerbada torna o espetacular como garantia de liberdade de sua palavra e assim de sua eficácia como modo de expressão. A desenvoltura torna fugidia e coloca fora de alcance da maioria, ou pelo menos das mais grosseiras manipulações – ou seja - sua nulidade básica assumida garante praticamente sua sinceridade e, sua irresolução, sua indeterminação fundamental

plástica vêem no comum o inverso das ideologias. Ele não possui idéias concebidas aprioristicamente. É neste contexto, nesta terra de ninguém que é o estádio - caótica da razão e patética da lógica onde situa o torcedor comum e, chega aos ecos mais agudos, mais precisos de certas verdades sociais e humanas entre as profundas. Com efeito, é sobre um princípio universal aplicável às coisas – uma atitude geral inscrita numa visão, numa arte de viver e mesmo uma concepção de mundo – uma filosofia de vida fundada no respeito do comum – o torcedor uno – que se nega estar com o outro.

O torcedor comum, ao contrário dos torcedores das tribos, dos organizados, das galeras, incluindo ele próprio, permanentemente no que ele vê, incapaz de tomar a mínima distância em relação às coisas cotidianas, o que lhe permitiria percebê-las e apreciar todo o seu sabor, olhando a si mesmo, narcisicamente em suas próprias explicações, se transforma em espectador, em testemunha do grande espetáculo. Abolindo essa subjetividade forçada, “dramatização” criada pela vontade de tudo interpretar a todo custo, a superficialidade por assim dizer, “desata” o olhar. Livre da verdadeira obrigação que lhe era imposta pela profundidade, qual seja, a de extrair um sentido de significação, o mundo então não mais aparece com essa entidade sombria e ameaçadora, que em sua razão duvida, tenta sem descanso limitar, reduzir a alguns princípios ou leis a priori. Ao mesmo tempo, ele reencontra todas as suas cores e toda a beleza, seu inteiro encanto, tanto na alegria quanto no mais extremo receio. Sob a influência dessa visão “superficial”, o mundo, novamente seu objeto pleno e exterior, muda por inteiro - desdobra, solta e se oferece ao olhar. Formas, sons, palavras, tudo agora é para o indivíduo a fonte de uma emoção interna, não dividida, de um gozo

Artigo Especial

estético e moral particular, estando além das categorias usuais e das fronteiras que elas traçam. Mais do que a arte de viver, é um objeto de satisfação e de conhecimento estético. Impossível ser imparcial e coerente, ao mesmo tempo apático – como parte ínfima da massa – ele faz a multidão que assiste o “futebol solo”.

Mesmo assim, podemos considerar que o futebol conseguiu se instituir como movimento cultural e social, da qual como cultura popular é praticamente “o símbolo” e o melhor exemplo. Em suma, o futebol cumpre o seu papel de experimentação de um futuro ainda indeterminado como “estilo de vida”, e colabora para a formação das condutas esportivas e comportamentos competitivos.

3. Tribos

Cabelos em pé ou raspados, roupas negras, hábitos vampirescos, caveiras, suásticas, ou então muito brilho, cores berrantes! Eles são punks, skinheads, rappers, new waves, heavy metal kids, funks. São tantas as tribos, galeras e máscaras. Mas não é um fenômeno novo em si mesmo. Épocas diversas, estilos diferentes, mas todos nascidos em tempos característicos, sob o desencantamento das certezas da sociedade. Todos fazendo da superfície da aparência a sua linguagem, o seu modo de expressão e existência. Irreverentes, anárquicos, premonitórios, sua ética pagã brota de algumas falhas sociais. Sua incredulidade radical caminha pelas brechas da ideologia e termina por desqualificar, inconscientemente, as ações obscuras cometidas em nome dos ideais. Ousam reivindicar apenas que a vida tenha sua estética de “loucos”. Esses eternos rebeldes sem causa acabam se revelando mais “morais” que a moral que os rejeita^[32].

Sempre existiram grupos e indivíduos, nem sempre jovens e necessariamente “marginais” que

expressam e se afirmam por algum estilo. Simples pose, traje ou então modo de vida em ruptura com as normas aceitas por sua época. Contrários da elegância, do bom gosto e da respeitabilidade, homens e, certamente mulheres pretendem com sua aparência contestar o estado das coisas. Na escala de valores uma hierarquia de gostos, uma moral de hábitos, comportamentos de uma visão de mundo refletidos no traje dominante, pelo estilo obrigatório ou pela preferência estética irreverente. Enfim, homens e mulheres que são, querem ser ou se imaginam “outros”, “diferentes”, “estranhos”, “singulares”, mas com uma idéia em comum, pretendem-se mostrar na aparência e no seu modo de vida.

Pode ser uma roupa antiga que eles ressuscitaram, ou, ao contrário, um novo traje que inventaram. Uma cor, uma forma ou uma linha esquisita não usada. Tabus, conceitos, usos, costumes e tradições esquecidas que eles privilegiam. Objetos simbólicos, amuletos, penduricalhos, adereços e insígnias que apóiam em qualquer lugar do corpo ou da indumentária. Pode ser um acessório habitual ou uma roupa comum com sua função distorcida, reinventada por um “novo vestir”, por um modo especial, personalizado de exibir, de encenar e de falar. Quase sempre e ao mesmo tempo, acompanhados de atitudes, comportamentos, maneiras de ser, de viver e sentir. Mitos e modos revividos, vocabulário transviado, um esteticismo profundamente ético - comum entre os membros, entretanto, diferente dos outros e para os outros – uma cosmogonia – uma sub-cultura cultural. Para eles é ser original acompanhado por efeito de imitação ao encontro espontâneo do “espírito da época”. Na maioria das vezes, veremos agrupamentos formais ou informais, conscientes ou não, vivendo na distância de regras: movimentos, tribos, galeras, ou então simples estados de espírito “reconhecidos” por aqueles que

Artigo Especial

compartilham sua vivência. Em todos os casos, são pequenos domínios por intermédio dos quais reconfortam os outros em sua diferença com o mundo “normal” dos burgueses, dos “caretas” ou “quadrados”- ou como se dizia durante a febre romântica, os “grisâtres” ou os “bonets de cotton” (o mundo daqueles para quem o adereço é obrigatoriamente fútil, as aparências, invariavelmente enganadoras e as regras feitas para serem cumpridas).

Frente a essa subversão dos sinais exteriores de comportamentos que provocam desordens, a sociedade, é claro, reage com todos os meios que dispõe – no julgamento moral e estético – o “o que se faz” e “o que não se pode fazer” ou “o que é bonito” e “o que é feio”- pela preferência ao senso do comedido, do “bom gosto”, da decência, e às vezes, a caricatura, o insulto até a repressão. Temos então o poder social, se é que podemos chamar assim, o irromper das alcovas conscientes da “boa sociedade” ou “a sociedade de bem”- os súditos, proibindo o contrário, ordenando o uso do “culote” ou da “saia longa”, impondo ou banindo trajes de origens estrangeiras, vindo de outras culturas, lançando verdadeiras cruzadas contra vestimentas consideradas extravagantes, insensatas ou ultrajantes e se armam de tesouras para cortar os que zombam das regras, ou então, finalmente, procurar, como é o caso em quase todas as revoluções progressistas ou conservadoras, mundiais ou nacionais, impor um traje e um comportamento “ideal”, “exemplar”, “perfeito”. Tentar legislar no ramo cambiante do anti-social^[21].

Hoje, é o sistema comercial que se encarrega, em grande parte da normatização, sem violência e freqüentemente, com o consentimento dos interessados. Estes movimentos que afetam a sociedade morrem também por se tornarem conscientes demais. Ironia da sorte é o sucesso que provoca sua decadência. É

porque eles se tornam normas, até uniformes, porque é um protesto individual fluído e contraditório, plástico e maleável, eles se transformam em ditames unívocos e determinados, sem mais a intervenção da sensibilidade individual. Porque eles se institucionalizam perdem, ao mesmo tempo suas almas, seu valor como modo de expressão. De fantasmas capazes de expressar a revolta ou, pelo menos um mal-estar proteiforme, ei-los relegados ao nível de puras formas vazias – clichês, gadgets, truques publicitários – moda e estilo “moderno de vida”. A institucionalização não se engana, ela que pilha e vampiriza o mais que pode as invenções espontâneas surgidas da rua, na periferia, na margem como operações de alquimia. Ela transmuta esse ignóbil em belo, o mau gosto em novo e em números de negócios - desta forma para o irreverente e o fútil resta apenas o reconhecimento de um vazio ideológico.

O sintoma neurótico do conflito entre as duas ordens, uma terminando e outra custando a nascer em todas as épocas são, em graus diferentes, épocas de transição, porém mais ainda, a manifestação de um eterno protesto - o das aparências contra o espírito de seriedade das partes contra o todo social, do jogo contra a lei, do princípio do prazer contra a razão mornal e sufocante. O conflito irreparável sempre recomeçando, nada é mais fútil do que nossos esforços para tornar tudo sério, útil, racional, nada mais sério como o fútil – insignificante, socialmente marginal e abertamente útil às forças atuantes. Agora estão prontos a seguir a opinião pública – o novo estilo.

Como estilo a cultura alternativa, antes “sub-cultura”, os modismos são importantes. Mostram visões de mundo que, na falta de significado estável e único, possuem uma lógica interna. Aliás, esta parece mais difícil de detectar, pois, não é fixa e muito menos única, pelo contrário, ela evolui no tempo criando um feixe de

Artigo Especial

interpretações divergentes que se traduzem, às vezes, pelo aparecimento de tendências. Cada lógica tem sua história, sua própria temporalidade durante as quais seu significado se rompe, evolui e transforma o ambiente originando novos fatos, modas e estilos. Até as leis mais fortemente codificadas, estilizadas, muitas vezes, não bastam para fazer uma triagem objetiva. Não basta endossar uma panóplia objetiva para participar de uma concessão e ser concedida, é preciso também, adotar um espírito e, que este seja visível, aceitável^[21].

Fazer parte ou não de um movimento é uma questão imaterial, muito mais de “atitude” e de “estado de espírito”, como por exemplo, o caso extremo do “dandismo”- que não propondo panóplias, mas princípios morais quando decorre de uma atitude imperceptível e impossível de racionalizar. Ou é “dândi” ou não, isto se vê, mas não se explica. E qualquer olhar pode distinguir, sem risco de errar, mas também sem poder explicar claramente a razão. Um verdadeiro “punk” e um verdadeiro “skinhead” que não respeitam as normas de suas panóplias, daquele que se travestiu perfeitamente para a ocasião, em todas as tribos existem razões mais vitais que não podem ser moduladas ou acomodadas, uma espécie de “semente dura intransgredível”, como um “skinhead” pode ser de extrema direita ou de esquerda, mas em compensação, em nenhum caso ele pode demonstrar que é burguês. Aqui acaba a liberdade autorizada pela tribo, aqui a fronteira é vedada^[22].

Nestes casos, as identidades das tribos, sempre aparecem “negativas”, o que define não é o que permitem e sim o que proíbem. Mais do que o sistema de normas, são sistemas de tabus. Podemos dizer o que absolutamente não é mais difícil seria definir o que são. Suas fronteiras se desenham do exterior, por exclusão. Seu código preciso não estabelece uma

sensibilidade, um significado, uma atitude ou uma ideologia. Ele delimita um espaço de sensibilidade, uma área de significados, um feixe de atitudes, uma constelação de idéias no interior das quais todas as modelações são permitidas ou até requisitadas. Estes grupos se contentam em fornecer um quadro, além disso, é ao indivíduo que cabe agir. A meta foi atingida, criar uma concepção do mundo e circunscrever uma visão possível de evoluções que permitam a expressão pessoal. Entretanto, na relação entre as tribos as culturas que as aproximam é que nenhuma delas oferece “respostas” às perguntas. Elas se contentam em delimitar espaços onde simplesmente essas perguntas não são mais feitas. Elas introduzem novas “doxas” que causam uma reorganização de novas percepções e com isso, de novas atitudes. Elas renovam a visão que temos do mundo e desbloqueiam algumas de suas contradições insuportáveis. Elas atuam como prismas que permitem uma nova apreciação de uma mesma realidade^[36].

Aqui cessa o paralelo. Porém, na relação que distancia tribos das culturas existem diferenças de graus, de poder, de meios e fins e, de implicação no tempo que são diferentes em cada natureza. As tribos não têm a mesma ambição e amplitude que as culturas. São sub-culturas quando no sentido de trabalham as aparências e comportamentos, o resto decorre mais ou menos acessoriamente, mas nunca necessariamente. Pode-se muito bem adotar uma tribo e permanecer indefinidamente inconsciente do que ela veicula. Em compensação, as culturas são mais possessivas, elas exigem sempre como que atos de obediência conscientes da parte de seus membros. Idêntica diferença de graus no que diz respeito às “doxas” a respeito do que elas carregam: as culturas arrumam o mundo, as tribos só tentam arrumá-lo. Basta-lhes

Artigo Especial

introduzir um novo olhar, pouco importa que este seja instrumental. Todas as tribos se anunciam abertamente como – mortais; transitórias e consumir o agora e viver o nunca. Trocar o amanhã por outra coisa e, se amanhã outra coisa aparecer e se mostrar mais pertinente, mais atraente, muda novamente ^[35].

Apesar de sua aparência crítica, contestadora de violência ou escândalo que muitas vezes provocam as tribos não buscam apenas o confronto com o mundo que a cerca, mas tentam colocá-lo entre parênteses, volatilizá-lo, negando-lhe qualquer espaço imaginário paralelo onde os problemas concretos conseguem ser magicamente resolvidos pelos símbolos. Em suma, as “culturas” que elas possam vir a criar não aparecem como promessa de um mundo futuro a se realizar, para o qual elas forneceriam o esboço e um modelo reduzido, mas sim, como universos efêmeros eternamente parciais se não irrealizáveis, a serem vividos na imaginação. Seu campo de ação confesso é o da ilusão e em sua formação sempre entra uma dose de ceticismo, isto porque não acreditam, apesar de sua paixão aparente, da seriedade de suas antecipações e, de fato causem mudanças reais que possam ir tão longe e livremente no imaginário. Fúteis elas o são no sentido primeiro da palavra: voláteis, flutuantes, insubmissas às leis de gravidade do mundo real. Elas brincam, deliberadamente, com a ilusão porque sabem que tudo é apenas passageiro.

Nenhum movimento recente ilustra melhor esse aspecto universal de alienação do que o chamado “neo-romantismo” do início dos anos de 1980. São ideologias irônicas que acreditam pouco na realidade de suas antecipações que tentam miná-las rapidamente, com revoluções calmas e “nidificadas”, que já desistiram de qualquer ação concreta real e eficiente: religiões de ateus, ilusões confessas, estratégias organizadas,

universos de retiros onde viver à altura de sua imaginação é cultivar “fantasmas coletivos” que se reconhecem como tal: espécie de paraíso artificial no mundo real. Nenhuma lei de qualquer espécie, apenas um princípio vago e simplificado, resumido por um slogan: “que cada qual viva seu fantasma e o troque quantas vezes quiser”. Tudo é permitido se não exigido: é preciso apenas ser “único”, “nunca visto”, “inimaginável”, “incrível” - diferente. Todas as épocas, todas as classes, todas as culturas se entrecrocavam nesse carnaval insensato, com certa predileção pelos períodos brilhantes e ambientes aristocráticos. Mito e realidade se misturam e suas diferenças são abolidas. Tudo é pilhado, copiado, reciclado – inclusive os looks recém-inventados são o cúmulo do zapping indumentário^[12].

Todos os movimentos paradoxais, onde o capricho é decretado lei a liberdade é obrigação e a imagem é ideológica. Um saudosismo irrefreado. É necessário ser “positivo”, não se comprazer na morosidade do ambiente ou no niilismo, como os punks, levantar a cabeça e partir para o combate a si mesmo. Forjar um destino, ser um “herói”, mesmo que sabendo que tudo não passa de ilusão. Tudo pode se transformar segundo as cores da imaginação. O fantasmático é para os neo-românticos um modo de vida, brincam de tudo, de amor, de sucesso, de aventura, à altura dos mitos. Com o neo-romantismo a conduta avança em toda a sua nudez como fantasma compartilhado e a ilusão é combinada. Aliás, a bonomia reivindicada não deixa de esconder numa secreta e radical depressão. O universo alienado, um mundo de substituição. O presente não é satisfatório, façamos algo para escapar dele. De certa maneira, o neo-romantismo assinala a morte de uma utopia veiculada pela mídia a de ser, apesar de tudo, uma linguagem. Nele, tudo é pura ilusão. Nele também,

Artigo Especial

não havia a idéia do coletivo e ainda menos de “progresso”.

Dos movimentos de estilo de vida passamos ao princípio ultraindividualista do social. Este foi o último movimento, no sentido estrito da palavra e primeiro a sugerir o valor-estilo, o neo-romantismo assinala provisoriamente – o hoje – definitivamente o fim das tribos como diktat – ditadura. Depois das tribos não pode existir apenas indivíduos. O neo-romantismo leva ao cúmulo o papel da ilusão. Sua ideologia vazia é somente escapismo. Ele nada estabelece e não resolve tudo. Contenta em substituir a realidade pelo sonho. É apenas a imagem do paraíso artificial da “Lagoa Azul” e os “Hairs” não existem mais. No máximo poderíamos falar deles apenas sob o aspecto de puras tautologias, podemos descrevê-los, mas não analisá-los, porque não há nada a compreender além deles ^[38].

Entretanto, questionamos - o porquê esses movimentos totalmente idealistas, no sentido em que eles são apenas idéias, puras quimeras, conseguem influenciar por certo tempo a sociedade, em uma visão, às vezes, gerando antecipações realmente extraordinárias? De que maneira esses absolutos contra-sensos, que são as tribos acabam produzindo um sentido? Podemos sugerir uma hipótese: no fundo, as tribos expressariam uma espécie de conhecimento “poético”, “surrealista” da realidade. Como os mitos, os heróis, apesar de serem apenas fantasmas, imagens fluídas no limite da recusa dos sentidos, não atuam cegamente: eles assimilam o real de maneira diferente e complementar da linguagem na tentativa de compreender ou estreitar relações de um novo mundo!

Sem que saibamos as tribos, os grupos organizados contem um projeto de sociedade. Essa inconsciência não é tão estranha quanto possa parecer a priori. De certo modo, definem os movimentos sociais.

São maneiras de expressão pelas aparências e comportamentos que certamente podemos supor numa primeira abordagem, se o que tinham a dizer, pudesse ser feito de imediato por outro meio mais convencional, assim, sua mensagem era pelo menos no início, forçosamente mais ou menos consciente. Por uma razão ou outra, é impossível de formular um discurso. Fosse porque as palavras ou os conceitos que poderiam expressá-los faltavam momentaneamente, fosse que a indagação de que se tratava não era realizada porque não havia ninguém com a necessidade de fazê-la. Porque era prematura ou ainda era objeto de um “tabu”. A expressão das tribos é então, o único meio de “abordar” o problema considerado e pode contornar o tabu em razão de sua falta de gravidade? Sua força reside em sua futilidade reconhecida?

No fundo, parece até impossível falar de uma “mensagem”, no sentido banal, quanto às tribos. O termo é impróprio e bem enganador. Deixa supor uma intenção que falta. Com efeito, tudo leva a crer que aqueles que recorrem às tribos não procuram “expressar” de maneira instrumental, transitiva, alguma coisa, ou a mensagem que preexistiria à sua expressão e cuja natureza, eles conheceriam antecipadamente pelo canal das expressões. O que eles querem e não buscam e, de maneira vaga, indiferente, completamente intransitiva, o que podem expressar. As tribos assinalam sua existência e somente isso. Elas empurram o surgimento de uma florescência selvagem e indiscreta, instintiva, que funciona primeiro e exclusivamente sobre as noções passionais de desejo e de vida. Nenhuma idéia de sentido a ser transmitida ou de mensagem a ser comunicada. Para elas o momento é apenas o exutório concreto de um desejo, de um sonho ou de um mal-estar irracional, indefinido, quase “indizível”. “Ser” basta para esgotar a “razão” do aparecimento. Seus

Artigo Especial

componentes não perseguem um objetivo. Seu horizonte é o de presente eternizado, cristalizado, onde não há idéia de destino e ainda de comunicação^[35].

O grupamento em tribo, não é um instrumento que utiliza a falta de outros ou por decepção, porque os outros canais de expressão estariam bloqueados ou inadaptados. As tribos são fins. Uma pura expressão perto do grito, que como tal, substitui completamente a linguagem, podendo até abolir sua função. Seu registro não é da razão ou da linguagem articulada e sim da imagem. A sua conduta é a maneira de exprimir os pensamentos, tendo em vista aqui, determinados padrões estéticos – maneira de viver – procedimento, comportamento, quando definido, é consagrado pelo tempo como estilo de vida. O estilo é um fenômeno social e cultural de caráter mais ou menos coercitivo que consiste na mudança periódica e, cuja vitalidade provém da necessidade de conquistar ou manter uma determinada posição social. O modelo tribal é o objeto destinado a ser reproduzido por imitação, representando o que se pretende executar em grande escala, podendo ainda servir de exemplo ou norma para determinar o tempo da ocasião ^[31].

Quanto aos movimentos de estilo estes vêm acompanhados da produção do discurso, mas nas tribos estes só apareceram depois, como uma espécie de explicação, de comentário, de prolongamento consciente do que a panóplia sugere e que se basta a si própria. O discurso não faz mais do que extrair o “não dito” que a tribo continha e que existiria sem isso. É na indumentária que os movimentos sociais expressam o que podemos chamar a posteriori – suas ideologias. As ideologias são construídas a caminho, progressivamente, a partir do que esta sugeria no início, como se o seu sentido se desdobrasse pouco a pouco, liberando um a um todos os seus significados virtuais.

Mesmo se nestes dois casos não tivesse havido nenhum discurso, esses movimentos teriam existido claramente e desempenhado seu papel. Assim, podemos ficar com a hipótese de que o discurso aparece como algo a mais, que é dispensável ao surgimento da tribo e da manifestação de seus efeitos. Esse discurso está longe de ser indiferente. Ele influencia nitidamente no destino da sociedade que acompanha. É sua racionalização que a sociedade escolhe entre todos os significados possíveis imaginados, para só ficar com os que lhe serve e convém naquele dado momento. Ela aguça certos aspectos e escondem outros, às vezes elimina deliberadamente partes, reforçam outras e, muitas vezes, modifica os contornos. Torna o grupo menos equivocado, mais aberto sobrepuja a pluralidade dos sentidos - comportamentos e vestimentas são influenciados à extensão de seu poder. A sociedade se apóia sobre os sentidos e, em troca, pesa sobre seu desenvolvimento a evolução em detrimento de idéias que usurpou. Em suma, é uma relação dialética e complexa, estabelecida entre o não-dito e o discurso ideológico.

CONSIDERAÇÕES “nada” FINALÍSTICAS

A inter-relação que temos no esporte quando questionamos o surgimento de alguns clubes de futebol – Os clubes esportivos – times de futebol surgiram como tribos? Podemos afirmar que nem todos. Entretanto, se levarmos em consideração times como o Flamengo, Corinthians (Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo respectivamente), generalizando, os de várzea, temos como hipótese que o aparecimento destes grupos - há relação direta com a formação de tribos. Os “elos” visíveis e comparáveis coincidências dos movimentos de estilo são determinantes para chegarmos a compor a idéia central desta relação entre grupos, tribos e movimento de estilo – determinantes também para a

Artigo Especial

fundação dos times de futebol. A história dos Clubes do Rio de Janeiro é marcada, cada uma com sua própria lógica e objetivo determinado em ser um clube esportivo como sugere o raciocínio que se segue:

1 – o Fluminense nascido na zona sul do Rio de Janeiro é reconhecido pela sua “aristocracia”. Nasceu como “clube”- com funções sociais e objetivos determinados. Permanece no local da fundação no centro-urbano da cidade ostentando a arquitetura do século passado cuja tradição ainda se mantém em termos de clube elitista.

2 – sem exceção temos o Clube de Regatas e Futebol do Botafogo. Até hoje, está situado na zona sul do Rio de Janeiro – no Bairro que lhe deu seu nome, junto à praia, também do Botafogo. Apesar de passar por grandes perturbações financeiras e de locações desde 1916, no início de década de 80, retorna ao “ninho” do século passado em definitivo. Porém, já teria nascido como clube de Regatas. Ostenta uma fisionomia arquitetônica tradicional do século XIX, mesmo sendo seu nascimento ao redor de um grupo de estudantes não tão elitistas – mas todos o eram nesta época.

3 – o Clube de Regatas do Vasco da Gama, não é um caso a parte na tradição – nasce como clube de Regatas e permanece na zona sul da cidade – São Januário possui a segunda maior torcida do Rio de Janeiro. Apesar de ter nascido sob o “símbolo” da democracia do futebol, onde os outros três clubes da comparação saíram do meio elitista – o Vasco foi formado por negros e brancos pobres e comandados por comerciantes portugueses. Foi marcado pelo “estigma luso” e permanece atrelado a ele atualmente. Assim, no “folclore brasileiro do meio futebolístico” é comum expurgá-lo com piadas.

4 – já o Flamengo nasce na zona sul do Rio de Janeiro, como um grupo de regatas em um lugar central, frente à praia do mesmo nome. Não possuía canoas para

regatas, depois nem campo de treinamento para o futebol, quer dirá uma sede com aparência de um clube. Não possuía sequer um terreno que suportasse fisicamente sua construção. No início faz empréstimo do campo do Fluminense, depois passa a alugar um terreno da Praia do Russel, logo arrenda o campo do Paissandu. Na década de 30, abandona a zona sul – centro e dirige-se ao subúrbio da Gávea - bairro popular que estava iniciando sua urbanização – cujo, terreno era julgado inadequado para construção necessitando de aterro. O Flamengo saiu da zona urbana, socialmente aristocrática e acaba no subúrbio e, hoje com uma área esportiva comparável a qualquer grande clube do país. Possui a maior torcida do Estado e do País. É um dos mais modernos clubes em estrutura mas fica a dever em números de sócios^[23].

Estas características marcam a inspiração de um grupo de jovens, que mesmo não possuindo a consciência de seus objetivos, antecipam o futuro, apostando em mudanças radicais – com as marcas da irreverência em todos os tempos. O caminho que seguiu o Flamengo materializa o próprio fluxo urbano dos grandes centros – o direcionamento dos indivíduos à periferia – ao subúrbio. A nova estruturação da cidade do Rio de Janeiro, a transformação das áreas periféricas afastadas e precariamente habitáveis – locais péssimas condições condizentes para o cidadão que não suportou pagar o preço da zona central. Muda também o olhar do comércio, estruturas modernas de moradia popular, trabalho e lazer, levando a fixação do clube no Bairro da Gávea, com uma estrutura moderna, que jamais faz lembrar o passado, abandonando por completo o complexo urbano da zona dos grandes clubes tradicionais. O Flamengo no período de 1895 à 1938, não construiu uma sede, nem ostentou a tradição de marcar os locais de sua passagem – seus elos foram

Artigo Especial

fixados nas relações sociais e sua “tribo” olhada e vista por todos os recintos. No início seus objetivos não planejados deixaram seu futuro incerto.

Na comparação aos outros clubes, os “elos” instituídos pelo Flamengo parecem marcar a trajetória com características “tribais” desde a sua fundação até a Gávea, quando sua estrutura transforma o estilo de vida

do clube levando a ser o mais popular do Brasil, onde como hipótese sugere que o “elo” principal que faz o Flamengo o mais popular e – o Flamengo ser o próprio “elo” entre os clubes – futebol e o povo – formaliza o “estilo Flamengo de ser flamengo”, ou seja, “o estilo de se torcer por um time de futebol”. Tais exposições reiteram as seguintes comparações:

Características das ligações sociais entre os clubes e as tribos

CLUBE	TRIBO
Controle estável e eficaz. Monopólio central (Administração). Classes dominantes predominantemente civis	Controle instável – não eficaz. Sem monopólio Central – Administrativo. Sem classe – sem hierarquia
Elevada divisão de trabalho, longas cadeias de interdependências.	Sem divisão de trabalho – igualdade de tarefas.
Ligações funcionais – obtenção de estatuto.	Membros igualitários ou simétricos.
Rivalidade e conflitos canalizados para esferas profissionais.	Rivalidade exterior – união no interior do grupo.
Estratégias racionais de concretização de objetivos.	Sem planejamento – sem pré-determinação.
Normas civilizadas de comportamento interpessoal.	Relações sociais voluntariamente formadas em bases locais e não-locais.
Base instrumental em contextos específicos – baixo nível de relações sociais.	Base instrumental em contextos amplos – alto nível de relações sociais.
Clube – Espaço físico delimitado Alto índice de vigilância Restrições locais Informações restritas	Tribo – Espaço físico aberto Alto índice de contatos sociais Sem restrições locais e não locais Informações livres

Características das ligações segmentares e funcionais entre os clubes e a tribo

CLUBE	TRIBO
Comunidades locais auto-suficientes, ligadas a um quadro de trabalho, protonacional – relativa pobreza socializante.	Comunidade a nível nacional, ligadas por extensas cadeias de interdependências – relativa riqueza socializante.
Classes dirigentes relativamente autônomas. Equilíbrio de poder fortemente inclinado a favor de dirigentes/autoridade – intercâmbio comunicativo pobre.	Classes dirigentes relativamente dependentes – tendência para tornar iguais as oportunidades de poder, através do intercâmbio comunicativo amplo.
Estreita identificação com grupos rigorosamente circunscritos – unidos por ligações locais.	Identificação de grupos que estão unidos por meio de ligações de interdependências não locais.
Pequena pressão social extensa – grande pressão interna.	Grande pressão social – satisfação geral. Grande pressão interna – previsão de planejamento a longo prazo.
Elevado controle emocional e racionalização na busca do objetivo – temperamento + ou – estável.	Reduzido controle emocional – procura excitação imediata – oscilações do estado de espírito – emoção.
Elevado grau de segregação de papéis.	Baixo grau de segregação de papéis.

Artigo Especial

Nivelamento das ligações sociais na transformação de tribo em clube esportivo

- a – Socialização espontânea;
- b – Socialização dos adeptos – liberdade de escolha
- c – Recursos limitados – racionalizados/ instrumentalizados e planejados.

As passagens realizadas na transformação das tribos em clube esportivo se deram pela tendência estrutural dos “grupos” à volta das linhas de segmentarização social e, para confrontarem outros “grupos” locais, enfatizando a capacidade para lutar pelo poder, pelo estatuto interno e o domínio do território na comunidade local. A tendência criada para as relações se formarem através da escolha e, não simplesmente sobre bases locais – estilo civilizado expresso no esporte formal – oportunidades para além das que constitui poder e, no estatuto local, estatuto determinado pela capacidade profissional, educacional, artístico e desportivo, podemos afirmar que quando os clubes surgiram no início do século, quando apareceu o jogo esportivo do futebol, era apenas uma proclamação à vida. Sua exuberância competitiva refletia um prazer direto, irracional, que não se preocupava com o futuro “talvez” nem mesmo com o presente. Com o aparecimento do futebol todas as noções de tempo, evolução ou mesmo de meio ambiente foram abolidas. Ele era a expressão de um impulso fundamental, fora de qualquer contexto, um simples desejo de gozo sem limites. O esporte materializou o hedonismo, uma espécie de afirmação exnihilo, sem razão de sê-lo, entretanto possui a mensagem, a moda e o estilo de juventude. Com o tempo, seriam as restrições que iriam lhe dar e revelar nele, um papel de aceitação social. Pela contestação e aparas, tornado consciente, teve como conseqüência aumentar ainda mais, sua exuberância, o que parecia que iria progressivamente

em breve, tornar-se símbolo. Ideologias, popularidade e democracia, transformam as restrições em consciência de efeitos, antes pejorativos, agora aceitáveis e apreciados por grande parte da população.

Mas as circunstâncias e o discurso que nascera o futebol, a sua volta, realçavam seu aspecto reativo: tratava-se apenas de outra interpretação possível de uma mesma realidade – do jovem e o da sociedade em si mesma. Entretanto ele não ficou sem seu efeito, já que delineou aspectos panorâmicos e principalmente, reforçou a democracia privilegiando as dimensões contidas desde o início no esporte - o estado de virtualidade - mas que até então não tinha sido explorado. Associaram-no às dimensões de “afirmação étnica”, como ligariam a uma representação social e cultural “de marginalidade”, e mais tarde a exaltação nacional. Em suma, eles dariam um novo impulso, depois de aceita-lo, desviando-o para outro registro de sentidos.

A história do futebol como movimento esportivo, pode ser comparada (ou ter suas relações) como estilo de vida de grupos, por sucessão de “deslizes e acumulação dos sentidos”, ligados uns aos outros, que ao inscrevem na evolução das mentalidades do momento, a expressão do futebol, esta atitude só se generalizaria e teria seu sentido mais tarde. Para isso, o esporte não se contentou em reagir a uma situação exterior, em se colocar em relação a ela no momento. O esporte como estilo antecipou o estado das coisas ainda por acontecer, ele fez com este já existisse e, testou no futebol o comportamento de resposta. Este esporte simula nele mesmo a organização alternativa do social e “prova” a viabilidade. Por esse meio, ele ajuda o surgimento de uma nova mentalidade que em breve se tornaria “regra”, resumindo, o futebol se comporta como

Artigo Especial

um desses “modelos” lógicos usados para a previsão econômica ou política. O futebol e, em geral o esporte – se apresentam como uma espécie de representação simbólica simplificada no social permite experimentar “em branco” as configurações possíveis. Ou seja, é o futebol que por sua existência, parece encarregar de demonstrar o caminho possível de evolução da sociedade, rejeitado a priori como “irreal” e até mesmo “amoral” era na verdade totalmente “viável” - se não - o mais racional movimento de estilo - do que os que são oferecidos ou expressados aqui. Expressar, o esporte – o futebol – inventaria as possíveis evoluções sociais de uma dada época, onde permite explorar o futuro incerto, não determinado e de se situar previamente em relação a ele – do anti-social ao cultural, pois o futebol aparece como um movimento de estilo.

Finalizando, num mundo onde os modismos e modelos são imprescindíveis - o esporte como movimento estilístico - cria no tempo um lugar inusitado para elaborar a “resposta” da época, onde este é realmente uma maneira de construir elos entre as gerações. Ele permite a mais global das sociedades como um todo – se faz a expressão de novas atitudes agindo como se elas fossem corrente, para ver quais são suas conseqüências, se é possível adotar ou, ao contrário, rejeitar e/ou como modificá-las para tornar mais verdadeiras, melhor – adapta naquele momento o instante eterno de Maffesoli^[24]. O esporte – futebol – permite “brincar” literalmente com os comportamentos, isso num universo pacificado – aperfeiçoado e controlado, caso contrário – será um universo transgressor e, não poderemos reprimi-lo. Assim, podemos notar que o estilo de vida esportivo nada indica a clara consciência de seu objetivo, nem mesmo de sua importância. De qualquer maneira e, de todas as formas segue a inspiração. Faz literalmente “qualquer

coisa”, mas unicamente por uma espécie de desejo de vida, de divertimento e de exagero da provocação. Não que estes atos são desprovidos de lógica, simplesmente, eles não têm uma estratégia propriamente dita, porém estão imbuídos de atitudes, que desde o início contém, condensa, antecipa no que eles têm de mais irrefletido, de mais irracional, de mais espontâneo – seus trajes e comportamentos – que já continham sua forma definitiva, enfrentam a crítica radical dos valores, antecipando a revolução que fariam em qualquer lugar, mas naquele momento – o agora. Como se apenas sua aparência já esgotasse seu sentido e que no fundo lhes bastasse permanecer fiéis a ela, para operar a fantástica “contra-revolução simbólica”. Uma fisionomia, uma sinfonia de cores, um sistema de mitos e idéias feitas, um panteão de heróis reais e imaginários, mas também um modo de vida que se imiscuía em todos os atos e legisla sobre todos os assuntos – o torcer por um time de futebol.

Referências bibliográficas

1. Velho, Gilberto. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. V.8. N.16. P.227-234. Jul/Dez/1995. P. 228).
2. Sevcenko, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). História da vida privada no Brasil - volume 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.513-519, 54, 28-68
3. Kowalski, M. A Filosofia do Esporte: Emoção, Hedonismo e Romantismo no Futebol. Revista Phylosophos. UFG,2008.
4. Mall, J R P. Rio de Janeiro – 1916.
5. Rego, J L. O Globo, 05 de fevereiro de 1955.
6. Pongetti, H. O Globo, 30/11/55.
7. Campos, A. Jornal do Brasil –03/06/69.
8. Nasser, D. Flamengo – alegria do Povo – Rio de Janeiro: Conquista, 1970-Verso.
9. Homem, H. Rei no Maracanã s/d. – do Poema – Rei sem Sono.
10. Helal. Jornal/xerox-s/d. KOWALSKI,2001. Prefácio.

Artigo Especial

11. Weber, M. Os Fundamentos Racionais e Sociológicos da Música. São Paulo: EDUSP, 1982. P. 285, 287, capítulo I, 347-370, capítulo III.
12. Lindholm, Charles. Carisma. Rio de Janeiro: Atlas, 1993. Pg.48, 206-7, 125
13. Kowalski, M. Futebol Democrático ou Popular e vice-versa. Curitiba : UFPRX Congresso Brasileiro da História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Coletânea CD Rom, 2003.P.46
14. Lê Bon xerox, p.267-91
15. Boudon & Bourricaud, Dicionário Crítico de Sociologia. Editora Ática, 1993.pg.49.
16. Mills, C. Wright. A elite do poder. Rio de Janeiro: Zahar, 1962 p. 355
17. Gasset, O Y. Rebelião das Massas. São Paulo: Martins Fontes.1987 p.10, 10-17, 35-49
18. Bollon, P. A Moral da Máscara: merueilleux, zazous, dandis, punks,etc. Rio de Janeiro:Rocco, 1998. In: Kowalski, M. A Violência Festiva. Paper. I Congresso Sul Americano da Associação Latino Americana de Esporte. Curitiba 30/10 a 01/11/2008.
19. Zaluar, A. Cidadãos não vão ao paraíso. São Paulo: EDUSP, 1985.
20. Kowalski, M. A Violência Festiva. Paper. I Congresso Sul Americano da Associação Latino Americana de Esporte. Curitiba 30/10 a 01/11/2008.
21. Bollon, P. A Moral da Máscara: merueilleux, zazous, dandis, punks,etc. Rio de Janeiro:Rocco, 1993.
22. Buford, Bill. Entre os Vândalos a Multidão e a Sedução da Violência. Companhia das Letras, 1992.
23. Kowalski, M. Por que Flamengo? Rio de Janeiro: UGF. Tese de Doutorado, 2001. P. 212.
24. Maffesoli, M. Instante Eterno. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.